

Enganos da paixão

Paixão – um desígnio e um perigo?

Paixão! Esta palavra interessante, repleta de mitos e equívocos, tem surgido frequentemente nas “narrativas” sobre o trabalho, a carreira profissional e a liderança.

São cada vez mais frequentes as recomendações do género “trabalhe com paixão”, “siga a sua paixão no trabalho”, ou “lidere com paixão”, “siga o curso universitário que verdadeiramente o/a apaixone”. Subjacente à recomendação está uma ideia simples: se trabalharmos ou liderarmos com paixão, seremos mais produtivos, mais eficazes e mais felizes. Richard Branson, fundador e líder da Virgin, afirmou: “Dado que 80% do nosso tempo é despendido no trabalho, devemos lançar o nosso em torno de algo que seja uma paixão”¹. Aurélio Pereira escreveu sobre Cristiano Ronaldo²:

“Existe uma diferença entre um verdadeiro talento e um talento apenas: quem faz a diferença tem uma verdadeira paixão não só pelo jogo mas pelo treino e pela profissão. O Cristiano, desde pequeno, era obstinado por futebol”.

Trina Gordon, CEO da *Boyden World Corporation*, uma empresa de *executive search*, afirmou que a paixão é um atributo fundamental quando pretende

POR
Arménio Rego

Universidade de Aveiro

Miguel Pina e Cunha

Nova School of Business and Economics

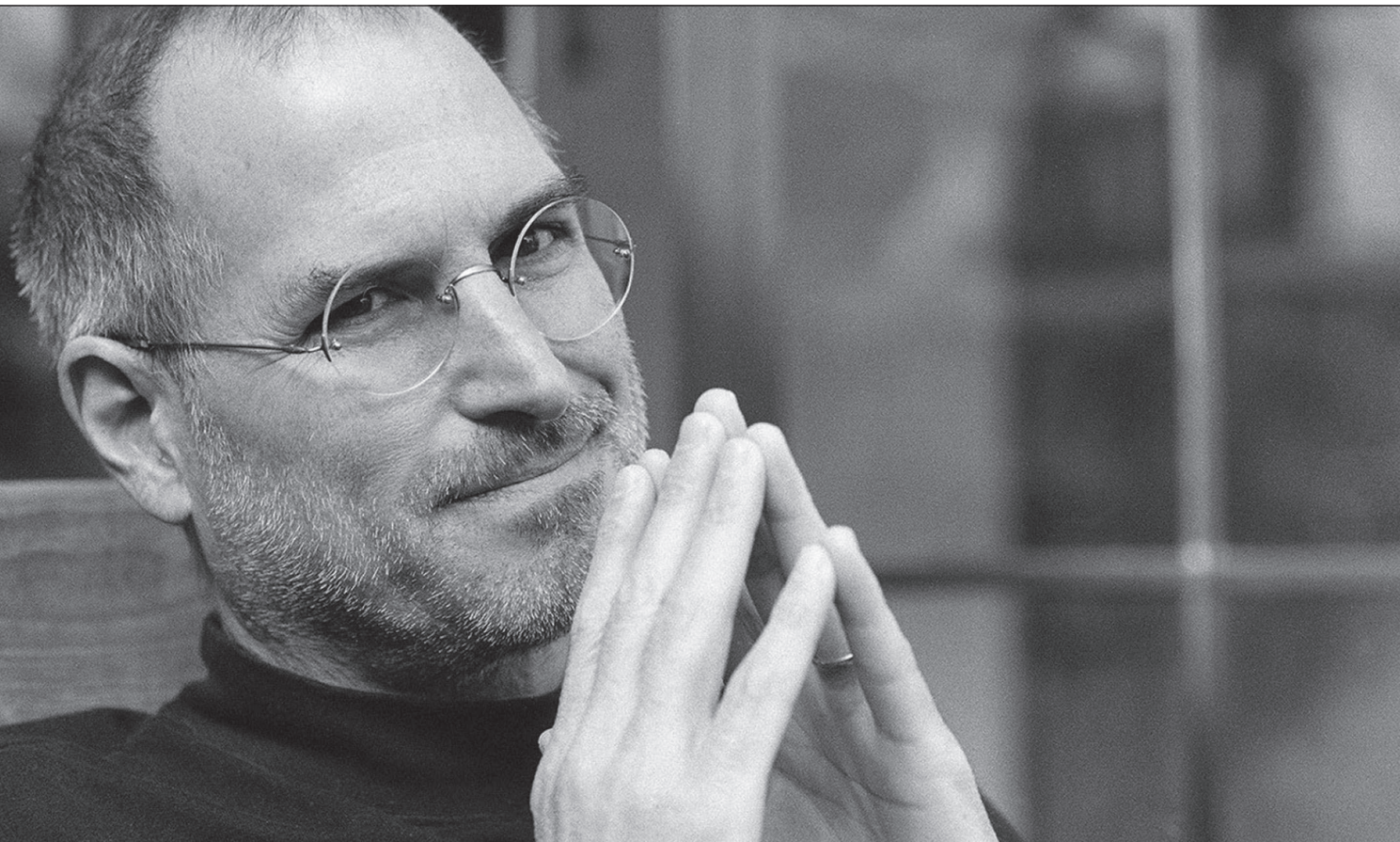
selecionar um líder. Eis como a entrevistadora a descreveu³:

“Diz que (...), quando tem em mãos a tarefa de procurar um líder, há características básicas a que não deixa de olhar: ‘Paixão, um sentido de curiosidade muito forte, alguém que queira continuar a aprender e que consiga ver oportunidades mesmo que estejam fora da sua zona de conforto, que não tenha medo de arriscar, que não receie cometer erros’.”

A apologia mais enfática da paixão foi porventura feita por Steve Jobs, o desaparecido mítico fundador e líder da Apple. Em 2005, num célebre discurso na Universidade de Stanford, Jobs deu conta, perante uma audiência de estudantes e académicos de gabarito, de dois senti-

mentos relacionados. Por um lado, ter sido despedido da Apple, a “sua” empresa, havia sido uma calamidade, mas também uma bênção. Por outro lado, a calamidade transformou-se na bênção porque Jobs retomou o caminho da sua paixão, fundou outras empresas que se transformaram em ícones, e acabou por regressar à “sua” empresa para salvá-la. Eis uma parcela do discurso⁴:

“Por vezes, a vida bate-vos na cabeça com um tijolo. Não percam a fé. Estou convicto de que a única coisa que me fez continuar foi adorar o que fazia. Procurem o que amam. Isso é tão verdadeiro para o vosso trabalho como para as pessoas que amam. O vosso trabalho ocupar-vos-á uma grande parte da vossa vida, e a única maneira de ficarem verdadeiramente satisfeitos é fazerem aquilo que acreditam ser um excelente trabalho. E a única maneira de fazerem um excelente trabalho é amarem o que fazem. Se não o encontraram ainda, continuem a procurar. Não se acomodem. Como ocorre com todos os assuntos do coração, saberão que encontraram esse trabalho quando o encontrarem. E, tal como qualquer



excelente relacionamento, esse trabalho melhorará com o decurso dos anos. Por conseguinte, continuem a procurá-lo até o encontrarem. Não se acomodem”.

Refletindo sobre o impacto que tivera na sua vida a descoberta que tinha um cancro no pâncreas, Steve Jobs acrescentou:

“Quando tinha 17 anos, li uma citação que dizia algo como ‘Se vivermos cada dia da nossa vida como se for o último, haverá um dia em que seguramente acertaremos’. Isso causou-me grande impressão e, desde então, ao longo dos últimos 33 anos, olhei-me ao espelho todas as manhãs e perguntei-me: ‘Se hoje fosse o último dia da minha vida, faria o que estou a prestes a fazer hoje?’. E se a resposta fosse ‘Não’ ao longo de vários dias seguidos, eu sabia que necessitava de mudar algo. (...) Lembrarmo-nos de que morreremos é a melhor forma que eu conheço de evitar cair na armadilha de que temos algo a perder. Estamos sempre despidos. Não há qualquer razão para não seguirmos o coração. (...) O vosso tempo é limitado, portanto não o gastem vivendo a vida de outrem. (...) Não permitam que o ruído da opinião dos outros abafe a



Naturalmente, é mediaticamente mais apelativo dar conta dos sucessos de quem seguiu a paixão do que noticiar os apaixonados que fracassaram.

vossa voz interior. E, mais importante, tenham a coragem de seguir o vosso coração e a vossa intuição”.

O discurso de Jobs teve grande impacto em todo o mundo, não apenas nos apaixonados pelos produtos da Apple, mas também numa ampla audiência interessada nos assuntos da liderança e nos mistérios da vida. A extraordinária valia inspiradora do pensamento transcendente de Jobs é incontestável. Mas importa atender a algumas realidades da vida

para que a “paixão” não se transforme em sofrimento. Convém não esquecer que o étimo latino e grego da palavra “paixão” remete para “sofrimento”. *Compaixão*, aliás, significa “sofrer com” – a virtude de partilhar o sentimento do outro. O conselho segundo o qual, nas escolhas profissionais, as pessoas devem seguir a sua paixão é simultaneamente um desígnio e um perigo. A nossa tese é: “siga a sua paixão, mas tenha cuidado com a paixão que segue”. Nas linhas que se seguem, daremos conta de dois perigos. O primeiro relaciona-se com os riscos do trabalho apaixonado. O segundo diz respeito aos riscos de escolhas profissionais e de carreira assentes na paixão. Esperamos, deste modo, facultar um pequeno contributo para a reflexão que ajude filhos e pais, líderes e liderados, professores e alunos, a fazerem escolhas mais prudentes e sábias.

OS RISCOS DO TRABALHO APAIXONADO

“É perigoso sentir paixão pelo seu trabalho”⁵ – eis o título de um artigo que Lucy Kellaway publicou no *Financial Times*, em junho de 2014. No seu habitual tom irónico, Kellaway chamou a atenção para a moda em que a paixão se transformou. Numa pesquisa por si realizada

ao *website* de recrutamento Glassdoor, a palavra “paixão” emergiu em 105 mil postos de trabalho, ao passo que a “conscienciosidade” surgiu menos de 3 mil vezes. Aparentemente, os recrutadores pretendem mais frequentemente candidatos “apaixonados” do que candidatos “conscienciosos”! Interessantemente, o lema do *website* é “Seja contratado. Ame o seu trabalho”⁶. Segundo Kellaway, a “paixão assolapada” pelo trabalho é um perigo para o bem-estar do empregado – e pode ser uma forma de instrumentalização usada pelas organizações para controlar os empregados. Na sua perspetiva, é desejável que a “paixão” seja harmoniosa, e não “obsessiva”⁷ – sendo mais apropriado usar a expressão “gostar do trabalho” do que “estar apaixonado” por ele.

A paixão pode, de facto, conduzir a consequências indesejáveis. Pode impedir a pessoa a ignorar outras facetas importantes da vida, como a família. Pode conduzi-la a decisões insensatas e desprovidas de razão. Lee Khun-hee, ex-líder da Samsung, investiu na fabricação de automóveis – mas foi a paixão pelos mesmos que o impediu de vislumbrar os riscos. O resultado foi um rotundo fracasso, com perdas bilionárias⁸. A paixão pode também alimentar o comportamento obsessivo e incapacitar a pessoa para compreender as limitações dos seus intentos e das suas forças. Pode levar o apaixonado a trabalhar excessivamente, com prejuízo para a saúde. Pode conduzi-la a decisões perigosas. Eis o que foi escrito no jornal *Público*⁹, a propósito da morte de Natalia Molchanova, campeã do mundo de mergulho em apneia e fundadora e presidente da Federação Russa de mergulho em apneia:

“Natalia Molchanova, campeã do mundo de mergulho em apneia, desapareceu no oceano enquanto mergulhava no domingo, no arquipélago espanhol das Baleares. Vítima da sua paixão pela mais extrema modalidade do mergulho, a atleta russa de 53 anos continua a ser procurada. ‘Natalia tinha uma paixão pela apneia que a devorava, de tal maneira que ela consagrou-lhe a própria vida’”, afirmou o filho Alexey Molchanov, de 28 anos e também ele recordista da disciplina. ‘O mundo perdeu a sua maior mergulhadora em apneia no domingo’, lamentou William Trubridge,

campeão neozelandês de apneia, através da rede social Facebook, evocando uma mulher ‘indómita, mas doce’.”

Por conseguinte, a paixão com que se exerce uma atividade profissional deve ser complementada com o uso da razão e com o discernimento necessário para preservar a saúde e prestar atenção a outras facetas da vida.

OS RISCOS DA BUSCA DA VOCAÇÃO APAIXONADA

O segundo perigo advém da tendência para levar à letra a noção de que a nossa carreira profissional (inclusive a escolha da nossa área de formação académica) deve ser orientada por aquilo que verdadeiramente nos apaixonamos¹⁰. O perigo tem, pelo menos, três raízes:

- Muitos jovens são apaixonados pela música, pela arte ou pelo desporto, mas a quantidade de oportunidades de trabalho disponível é amplamente inferior. Seguir uma paixão que conduz ao desemprego, à fragilidade e à frustração representa, pois, um enorme risco.

- Os nossos interesses ao longo da vida são mutantes. Quantos de nós, durante a infância, quiseram ser bombeiros, cabeleiros ou médicos – e acabaram como programadores, contabilistas ou gestores de recursos humanos realizados e felizes? Se nos deixamos tordar pela paixão que numa dada época experienciamos, incorremos no risco de descobrir mais tarde que a vida está repleta de outras *coisas interessantes* que nos daria gosto fazer. O próprio Steve Jobs começou por se apaixonar pelo Budismo Zen (e pelo LSD!), e chegou a considerar a possibilidade de ser monge. O ingresso no mundo da eletrónica foi, em grande medida, fortuito¹¹.

- Ser apaixonado por uma determinada profissão não deve ser confundido com a paixão pelas atividades que essa profissão implica. Muitas pessoas apaixonadas pela música detestam o trabalho musical que realizam. Muitos gestores apaixonados pela liderança sentem enorme desconforto em atividades de liderança que são forçados a executar. Diversos estudantes apaixonados por medicina descobriram quão desconfortável é praticar diversos atos médicos – e abandonaram a pretensa “vocaçãõ”.

Frequentemente, a apologia das escolhas profissionais assentes na paixão é feita por quem foi bem-sucedido com essas escolhas. Todavia, o facto de muitas pessoas bem-sucedidas terem seguido a sua paixão não significa que a paixão seja a causa do sucesso. Pode muito bem ter ocorrido um nexo inverso: a pessoa desenvolveu paixão porque foi bem-sucedida num trabalho ou numa função. Enunciando de outro modo: a pessoa aprendeu a gostar daquilo que *teve* que fazer, ou da oportunidade profissional que num dado momento *aproveitou*. Uma confiança pessoal ajuda-nos a explicar o nosso argumento. Ambos somos professores. E ambos apreciamos o que fazemos. Mas enquanto um, desde jovem, pretendeu ser professor, o outro almejava ser piloto. Hoje, o segundo não se imagina noutra atividade que não seja a vida académica – e aprecia tanto ou mais a vida académica do que o primeiro.

A esta realidade importa acrescentar dois factos. Primeiro: muitas pessoas que seguiram a sua paixão acabaram desoladas e frustradas. O que vieram a encontrar não correspondeu às suas expectativas. A paixão era infundada. Os fracassos e as dificuldades mataram a paixão. As atividades profissionais eram intrinsecamente pobres. Naturalmente, é mediaticamente mais apelativo dar conta dos sucessos de quem seguiu a paixão do que noticiar os apaixonados que fracassaram. É por essa razão que somos frequentemente iludidos – confundindo a realidade *real* com a realidade noticiada ou que mais nos agrada. Segundo: a vida *real* não contém necessariamente espaço para que todos sigam a sua paixão. Quantos jovens seguiram a paixão pelo futebol, iludidos com fenómenos como Ronaldo, Messi ou outros, e acabaram frustrados? Como poderá alguém ser feliz escolhendo uma atividade profissional para a qual não há procura? Qual a vantagem de optar por um curso universitário que o mercado não valoriza?

A PAIXÃO APRENDE-SE A PARTIR DA REALIDADE?

Três ilações fundamentais podem ser extraídas do que acabamos de expor. A primeira é de natureza genérica: na vida, importa conciliar paixão e sensatez – originando algo que pode ser de-

nominado “paixão desapaixonada”¹². Pense o leitor num investigador: convém que tenha paixão pela descoberta, mas é igualmente recomendável que se mostre “desapaixonado” para que não confunda *expectativa* de resultados com *reais* resultados das pesquisas. Clement Crisp¹³ escreveu, no *Financial Times*, que “um crítico de dança deve, por vezes, ver com paixão desapaixonada os artistas que admira: estudando as suas *performances* e capacidades com a intensidade de um amante e de um quiroprático (...)”. Também um líder deve revelar paixão pela sua atividade, mas sem que daí resulte confusão entre desejo e realidade. Importa que esteja apaixonado pelo seu trabalho, mas que guarde distância suficiente para analisar objetiva e racionalmente a realidade. Como referiu Abraham Maslow¹⁴, “a objetividade desapaixonada é ela própria uma paixão, pela realidade e pela verdade”.

A segunda ilação pode ser assim resumida: importa fazer o que se gosta, mas também é crucial aprender a gostar do que se faz. Esta aprendizagem requer realismo. Por vezes, precisamos de nos apaixonar por aquilo que *temos* que fazer, mesmo que inicialmente não apreciemos a atividade. Parado-

xalmente, é preciso ser cerebral para desenvolver essa paixão. Se não formos capazes desse exercício, incorremos no risco de viver permanentemente infelizes por termos que fazer o que não aprendemos a apreciar.

Eis a terceira ilação, relacionada com a anterior: devemos, acima de tudo, procurar atividades – sejam ou não a nossa paixão atual – intrinsecamente motivadoras e com significado¹⁵. Podemos perguntar-nos: esta atividade permite-me tomar conta da minha vida? Concede-me autonomia e independência? É suficientemente diversificada? O meu contributo é facilmente identificável? Sou dono/a do meu trabalho? Tenho acesso a informação que me permite saber se estou a ser bem-sucedido/a? Tenho impacto positivo na vida de outras pessoas? Oriente-me por um propósito valioso?¹⁶ Elon Musk, o multimilionário líder da Tesla e da SpaceX, quando acabou a faculdade, considerou a possibilidade de se dedicar aos jogos vídeo. Desde a infância, vivia obcecado com esse tipo de jogos. Mas compreendeu que essa paixão não alimentaria o seu sentido de vida: “Eu gosto realmente de jogos de computador. Mas se fizesse grandes jogos de computador, que

efeito teria no mundo? Não teria um grande efeito. Mesmo que eu tenha um amor intrínseco por jogos vídeo, não me veria a fazer disso a minha carreira”¹⁷.

COMENTÁRIOS FINAIS

Terminamos com uma nota clarificadora. Não pretendemos sugerir que a paixão pela escola, pelo curso ou pela atividade profissional é desprovida de valor. De facto, é-o e deve ser desenvolvida¹⁸. Estudar e trabalhar com paixão é benéfico para os próprios, a família, os restantes membros da equipa, a organização e a sociedade. Uma sociedade de cidadãos apaixonados é mais vibrante e sedutora que uma nação apática. O que sugerimos é que não se confunda paixão com prazer ou satisfação do impulso sentimental; que não se considere a paixão com uma espécie de gene imutável que, se não for seguido, gera infelicidade; que a busca insensata e irrealista da nossa (por vezes simplesmente presumida) paixão pode ser uma fonte perigosa de frustração e sofrimento; que é tão sábio procurar fazer o que se gosta como aprender a gostar do que faz, mesmo que tal requeira sacrifícios. ■

NOTAS

¹ In Jacobs (2015, p. 8).

² In Expresso Revista, “Os 100 mais influentes”, 11 de maio de 2013, p. 72.

³ Pinto (2011).

⁴ In Yarow (2011).

⁵ Kellaway (2014).

⁶ <http://www.glassdoor.com/index.htm>.

⁷ Carpentier, Mageau, & Vallerand (2012).

⁸ Useem (2003).

⁹ Em 5 de agosto de 2015 (<http://www.publico.pt/desporto/noticia/a-rainhado-mergulho-em-apneia-desapareceu-no-oceano-1704197>)

¹⁰ MacAskill (2015).

¹¹ MacAskill (2015).

¹² Berkow (2010).

¹³ Crisp (1999).

¹⁴ <http://www.goodquotes.com/author/abraham-maslow/page2>; http://www.celebriton.com/abraham_maslow

¹⁵ Oldham & Hackman (2005).

¹⁶ Cunha, Rego & Castanheira (2016).

¹⁷ In Vance (2015, p. 54).

¹⁸ Gilliam (2015).

GUIA DE LEITURAS

• Berkow, J. (2010). *Passion is vital for new entrepreneurs*. *Calgary Herald*, July 12 (<http://www.calgaryherald.com/business/passion+vital+entrepreneurs/3266223/story.html>)

• Carpentier, J., Mageau, G. A. & Vallerand, R. J. (2012). Ruminations and Flow: Why Do People with a More Harmonious Passion Experience Higher Well-Being? *Journal of Happiness Studies*, 13, 501-518.

• Crisp, C. (1999). A star who sets but will never fade ballet in Paris. *Financial Times*, July 13, (<http://search.proquest.com/docview/248704836?accountid=26357>).

• Cunha, M.P., Rego, A. & Castanheira, F. (2016). *Propósito: Estratégias para trabalhar ligado*. Lisboa: Editora RH.

• Gilliam, L. M. (2015). *The seven steps to help boys in school: Teaching their passion for less frustration*. London: Rowman & Littlefield.

• Jacobs, E. (2015). Kill the passion for work. *Financial Times Europe*, 14 May, 8.

• Kellaway, L. (2014). It is dangerous to feel passion for your work. *Financial Times*, June 9, 12.

• MacAskill, W. (2015). *Doing good better*. New York: Gotham Books.

• Oldham, G. R., & Hackman, J. R. (2005). How job characteristics theory happened. In K. G. Smith & M. A. Hitt (Eds.), *The Oxford handbook of management theory: The process of theory development* (pp. 151-170). Oxford, UK: Oxford University Press.

• Pinto, M. J. V. (2011). “Um líder tem que ter visão global”. *Human Resources Portugal*, Novembro, 15-17.

• Useem, M. (2003) Leading your boss. *The Economic Times*, November 13 (http://leadership.wharton.upenn.edu/l_change/up_lead/ET_Nov_13_03.shtml).

• Vance, A. (2015). *Elon Musk: How the billionaire CEO of SpaceX and Tesla is shaping our future*. London: Virgin.

• Yarow, J. (2011). The full text of Steve Jobs' Stanford commencement speech. *Business Insider*, October 6 (<http://www.businessinsider.com/the-full-text-of-steve-jobs-stanford-commencement-speech-2011-10>)